

MULHER E ESPORTE NO AGRESTE PARAIBANO: DISCUTINDO A PROGRAMAÇÃO DE RÁDIOS COMUNITÁRIAS

Eduardo Ribeiro Dantas

Universidade Estadual da Paraíba

Considerando a problemática da falta de espaço na grande mídia para as práticas corporais não circunscritas ao universo do esporte profissional, tais como a dança e o esporte recreativo, dentre outras, este estudo questiona a cobertura da cultura de movimento realizada pelas rádios comunitárias no agreste paraibano. O estudo teve como objetivo geral, reconhecer e analisar a cobertura da cultura de movimento realizada por rádios comunitárias na mesorregião do agreste paraibano, de forma a discutir a presença da mulher. Trata-se de uma pesquisa documental, realizada com documentos de rádios comunitárias da mesorregião do agreste paraibano, através da análise de conteúdo. Em nossa pesquisa, realizamos uma análise de programas das rádios comunitárias investigadas, gravados a partir do acesso de sua programação via Internet. Em relação à presença da mulher, na cobertura das práticas corporais, realizada pelas rádios comunitárias analisadas, constatamos que foi muito pequena em termos absolutos e relativos, considerando-se a presença do homem. Não temos dados, porém, para constatar se a ausência da mulher na programação das rádios comunitárias investigadas, deve-se ao fato de um certo direcionamento por parte desses veículos de comunicação, ou, na pior das hipóteses, dela não estar inserida no universo de práticas corporais que sua localidade possibilita. Em ambos os casos, temos configurada uma situação limitante, no tocante à inclusão da mulher na sua cultura de movimento. Apesar de não termos dados para analisarmos se a ausência da mulher na programação das rádios comunitárias investigadas, deve-se ao fato dela não estar inserida no universo de práticas corporais locais, destacamos que a questão da inserção da mulher na mídia deve ser melhor investigada, no sentido também, de que possivelmente algumas práticas esportivas dominantes no agreste paraibano, como o futebol, serem atreladas unicamente ao universo masculino. Mesmo que a mulher participe da prática do futebol nos diversos campos improvisados às margens das estradas que cruzam essa área, o silêncio sobre sua presença pode significar que a identidade de gênero é vista como sinônimo de identidade sexual, de modo que falar sobre a mulher no futebol necessariamente levaria a tocar na questão da homossexualidade, o que reduz a compreensão e as possibilidades da mulher no esporte.

Palavras-chaves: Rádios comunitárias; Mulher; Esporte.

Introdução

Apesar da diversidade de práticas corporais existentes na nossa cultura, como danças, jogos e outras manifestações que historicamente vêm sendo vivenciadas no cotidiano de comunidades onde a tradição ainda não se rendeu à lógica comercial do mercado do corpo, sua divulgação para a população não é tão

frequente assim, principalmente se observarmos o conteúdo difundido pelos principais veículos de comunicação espalhados pelo país.

Em se tratando das diversas manifestações da cultura de movimento que poderiam ser promovidas, percebemos que em muitos casos os agendamentos¹ da grande mídia nacional voltam-se exclusivamente para a questão do esporte performance e de todo o universo do consumo que gira ao seu redor, seja nas matérias sobre o esporte profissional ou mesmo nas formas diárias de nos exercitarmos. Enquanto modelo de prática corporal a ser consumido pela população brasileira, o esporte institucionalizado reflete uma racionalidade hegemônica sobre os usos do corpo, enfraquecendo as identidades culturais no âmbito local.

É a partir dessa problematização, que enxergamos na comunicação comunitária uma possibilidade de pautarmos a cultura de movimento fora dos amplos processos de difusão do esporte performance, de modo a dar espaço a outras manifestações culturais que fazem parte da memória e da identidade cultural do povo brasileiro, como aquelas presentes no tempo de lazer da população. Segundo Bahia (2008), a pluralização de práticas discursivas propiciadas pela comunicação comunitária, promove o alargamento da participação popular em uma agenda política mais próxima aos interesses da população, de modo que nos questionamos como este modelo de comunicação vem tratando as questões da cultura de movimento no agreste paraibano, considerando a divulgação da mulher na programação de rádios comunitárias.

Este artigo apresenta e discute os dados produzidos pela pesquisa *Cultura de movimento em pauta: interfaces entre rádios comunitárias e políticas públicas de lazer*, centrando-se exclusivamente na questão da mulher, tendo em vista os estudos de gênero na Educação Física brasileira. Segundo Devide et. al. (2011), existe uma certa confusão entre “estudos sobre mulheres” e “estudos de gênero” na Educação Física brasileira, que ao tomarem esses objetos como sinônimos, colaboram, entre outras coisas, para a escassez de pesquisas sobre os homens dentro da perspectiva dos estudos de gênero.

¹ Os estudos midiáticos na área da Educação Física brasileira apontam para a função de agendamento social exercida pela mídia, afirmando que ao produzir e introduzir matérias sobre determinado assunto em seus discursos, a mídia pauta a sociedade e a cada um de nós, estabelecendo os temas sobre os quais devemos ter conhecimento, influenciando assim, na formação da nossa opinião pública sobre os mesmos (BETTI, PIRES, 2005).

Em se tratando da presença da mulher na mídia, os autores apontam as *representações sociais de gênero na mídia esportiva*, como uma temática em expansão nos estudos de gênero da Educação Física brasileira, ao analisarem a presença de mulheres atletas e jornalistas na mídia esportiva.

Tais estudos têm identificado que a mídia esportiva, enquanto veículo de construção das representações sociais, tem reproduzido um desequilíbrio no espaço destinado à cobertura da participação das atletas e dos atletas nos eventos esportivos, caracterizando uma hierarquia de gênero, que quando aborda o esporte feminino, ora privilegia a aparência física das atletas, ora destaca suas capacidades atléticas (DEVIDE et. al, 2011, p. 95).

Nesse sentido, buscamos compreender como a mulher se insere na programação das rádios comunitárias do agreste paraibano, considerando não só a recorrência de sua aparição, mas também as possíveis ausências de práticas que muitas vezes são associadas a uma identidade de gênero masculina, como o futebol.

Objetivos

O estudo teve como objetivo, reconhecer e analisar a cobertura da cultura de movimento realizada por rádios comunitárias na mesorregião do agreste paraibano.

Metodologia

Trata-se de uma pesquisa documental, realizada com documentos de rádios comunitárias da mesorregião do agreste paraibano, através da análise de conteúdo (BARDIN, 1979). Na pré-análise da nossa pesquisa, elaboramos um modelo de ficha de conteúdo, que serviu para a descrição dos núcleos de sentido de cada um dos programas analisados. Na fase de exploração do material, elaboramos um catálogo documental, com as rádios comunitárias do agreste paraibano e seus respectivos programas esportivos. Ainda na fase de exploração do material, realizamos a análise temática do nosso *corpus* de investigação, de onde emergiram as manifestações culturais divulgadas pelas

rádios comunitárias, bem como, seus pertencimentos e as formas de participação da população nos programas esportivos.

O tratamento dos resultados obtidos, a partir da interpretação referencial, foi realizado considerando-se as categorias temáticas que emergiram da análise dos dados e o referencial teórico da pesquisa, quando pudemos isolar aspectos específicos da programação, como a participação da mulher que apresentamos agora.

Resultados e discussões

Elegemos como critérios de inserção no grupo investigado, além do vínculo com o Ministério das Comunicações, as rádios comunitárias que possuíam uma programação esportiva sistemática² e a transmissão do seu conteúdo via Internet, além do título do programa esportivo veiculado pelas rádios. Optamos por gravar aqueles programas que, pelo título, referiam-se ao esporte em geral, e não apenas ao futebol, entendendo que dessa forma, teríamos mais chances de encontrar outras manifestações da cultura de movimento local. Das oito microrregiões existentes, conseguimos localizar quatro rádios que atendiam aos nossos critérios, cada uma pertencente a uma microrregião diferente.

Tabela 1 – Programas esportivos das rádios comunitárias do Agreste Paraibano.

Número	Município	Rádio Comunitária	Programa Esportivo	Status
1	Alagoa Nova	Pirauá FM	Esportes na Pirauá	Ativo
2	Campina Grande	Ariús FM	Boletim Esportivo	Ativo
3	Cacimba de Dentro	Novo Horizonte FM	Momento Esportivo	Ativo
4	Esperança	Ban FM	Ban Esporte	Ativo

² Por “programação esportiva sistemática”, estamos entendendo a veiculação de conteúdos esportivos em programas específicos, com horários definidos, não diluídos dentro de nenhum outro programa das rádios.

Considerando o mundial de seleções de futebol que acontecia na época – a *Copa do Mundo de Futebol 2010* – o maior acontecimento esportivo em termos globais, no qual a mídia nacional e internacional destina maior espaço em sua programação para cobrir todo o evento e seus bastidores, a pesquisa enveredou para a gravação dos programas esportivos no período da Copa do Mundo, preocupando-se em perceber quais informações estavam sendo transmitidas à população. Nos dados produzidos pela nossa pesquisa, pudemos perceber que naquele momento, a cobertura de práticas corporais em que havia a exclusiva presença da mulher era inexistente. Ela aparecia em apenas uma unidade de registro, relacionada à cobertura de uma prática corporal onde havia a presença tanto do homem quanto da mulher.

Tabela 2 – Análise temática do *corpus* investigado durante a Copa do Mundo de futebol.

Categorias		Ariús	Ban	Pirauá	Novo Horizonte	Total
Sexo	Homem	17	22	14	8	61
	Mulher	-	-	-	-	-
	Misto	-	1	-	-	1
	Total	17	23	14	8	62

Após o término da Copa do Mundo, voltamos com o processo de gravação dos programas que não tinham dado tanto atenção ao esporte amador local na primeira etapa de registros, para percebermos possíveis mudanças na sua pauta, tendo em vista a finalização de um evento esportivo de grande porte que poderia estar modificando a sua programação. Percebemos que houve um aumento da presença da mulher na programação das rádios analisadas, mas que ainda era muito insipiente em relação à cobertura dada ao homem.

Tabela 3 – Análise temática do *corpus* investigado após a Copa do Mundo de futebol.

Categorias		Ariús	Ban	Total
Sexo	Homem	19	22	41
	Mulher	1	1	2
	Misto	-	-	-
	Total	20	23	43

Na soma dos dois momentos investigados, pudemos observar que a presença da mulher na cobertura das práticas corporais, realizada pelas rádios comunitárias analisadas, foi muito pequena em termos absolutos e relativos, considerando-se a presença do homem.

Tabela 4 – Análise temática do *corpus* investigado nos dois momentos.

Categorias		Total Antes	Total Depois	Total Geral
Sexo	Homem	61	41	102
	Mulher	-	2	2
	Misto	1	-	1
	Total	62	43	105

Não temos dados, porém, para constatar se a ausência da mulher na programação das rádios comunitárias investigadas, deve-se ao fato de um certo direcionamento por parte desses veículos de comunicação, ou, na pior das hipóteses, dela não estar inserida no universo de práticas corporais que sua localidade possibilita. Em ambos os casos, temos configurada uma situação limitante, no tocante à inclusão da mulher na sua cultura de movimento.

Conclusões

Apesar de não termos dados para analisarmos se a ausência da mulher na programação das rádios comunitárias investigadas, deve-se ao fato dela não estar inserida no universo de práticas corporais locais, destacamos que a questão da inserção da mulher na mídia deve ser melhor investigada, no sentido também, de que possivelmente algumas práticas esportivas dominantes no agreste paraibano, como o futebol, serem atreladas unicamente ao universo masculino. Mesmo que a mulher participe da prática do futebol nos diversos campos improvisados às margens das estradas que cruzam essa área, o silêncio sobre sua presença pode significar que a identidade de gênero é vista como sinônimo de identidade sexual, de modo que falar sobre a mulher no futebol necessariamente levaria a tocar na questão da homossexualidade, o que reduz a compreensão e as possibilidades da mulher no esporte.

Segundo Goellner (2005, p. 94) “a situação atual das mulheres deve ser avaliada com cautela. Mesmo que a participação delas como esportistas seja significativa, ainda é consideravelmente menor que a dos homens”. Uma diferença que pode ser identificada tanto nos clubes esportivos, como nas atividades escolares, no lazer, nos estádios, ginásios, além dos meios de comunicação de massa, comunitários ou não, que em linhas gerais, destinam aos atletas homens maior destaque e projeção.

Referências

- BAHIA, L. M. **Rádios comunitárias: mobilização social e cidadania na reconfiguração da esfera pública**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- BARDIN. L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Persona Edições, 1979.
- BETTI, M.; PIRES, G. L. Mídia (verbetes). In: FENSTERSEIFER, P.; GONZALES, F. (Orgs.). **Dicionário crítico da Educação Física**. Ijuí: ed. UNIJUÍ, 2005.
- DEVIDE, F. P. (et. al.). Estudos de gênero na Educação Física brasileira. **Revista Motriz**, Rio Claro, 2011.
- GOELNNER, S. V. Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história. **Pensar a Prática**, V. 8, 2005.